

Quando



as



Aves

Voam

para

Sul

LISA
RIDZÉN



*Ao Cameron.
Que sorte a nossa termo-nos um ao outro.*

Quinta-feira, 18 de maio

Fantasio com deserdá-lo e deixá-lo sem nada.

Diz que é tanto para meu bem quanto para o do *Sixten* que mo quer tirar. Que as pessoas da minha idade já não deviam andar sozinhas na floresta e que cães como o *Sixten* precisam de passeios mais longos, que não lhes basta ir até à estrada e voltar.

Olho para o *Sixten*, deitado ao meu lado no banco da cozinha. Abre a boca num enorme bocejo e logo poussa a cabeça na minha barriga. Enterro os meus dedos inchados no seu pelo e abano a cabeça. Mas, afinal, o que é que aquele imbecil percebe do assunto? Nem pense que vai levar a dele avante.

A Ingrid solta um suspiro à mesa da cozinha.

— Não lhe posso prometer nada, Bo, mas vou fazer o que puder. Porque isto não está certo — diz, e continua a escrever no caderno de registos da assistência domiciliária.

Aceno com a cabeça e esboço um ligeiro sorriso. Se há alguém que me pode ajudar com o *Sixten*, é a Ingrid.

A lenha crepita na lareira. É-me difícil desviar o olhar das chamas que dançam em torno dos toros de bétula. Os pensamentos escapam-se-me para a conversa que tive de manhã com o Hans, e volto a enraivecêr-me. Quem pensa o nosso filho que é? Não lhe cabe a ele decidir onde é que o *Sixten* deve viver ou deixar de viver.

Fecho os olhos por um instante, porque a raiva esgota-me. Escuto o vai-e-vem da Ingrid e respiro cada vez mais fundo. Pouco a pouco, aplaco a fúria.

Nos estertores do meu acesso de cólera, sinto uma vez mais o desconforto que me tem corroído ultimamente. Um desconforto que me arranha por dentro. Uma sensação de que devia agir de outro modo.

— Pensas demasiado — disse-me o Ture no outro dia, quando lhe tentei explicar isto ao telefone.

E agora, aqui deitado com o *Sixten*, a ouvir os passos da Ingrid, penso que talvez tenha razão.

Porque depois de partires, Fredrika, comecei a pensar em coisas com que nunca me tinha preocupado. Nunca fui uma pessoa insegura, pelo contrário: soube sempre o que queria e conseguia distinguir o certo do errado. Ainda sei, mas comecei questionar-me.

Pergunto-me, por exemplo, porque é que as coisas foram como foram. Penso na minha mãe e no meu pai como nunca tinha pensado. Mas penso, acima de tudo, no Hans; não quero que as coisas entre nós acabem como acabaram entre mim e o meu pai.

Mas depois ele veio com aquela história sobre o *Sixten*, e essa conversa revolta-me de tal maneira que nem sei o que fazer. Como raio posso consertar a nossa relação se ele mo tirar?

— Posso levá-lo a passear à hora do almoço — diz a Ingrid, fechando com determinação o caderno de registos.

Os seus olhos pequenos brilham de raiva. Também tem um cão, e indigna-se só de pensar que me podem tirar o *Sixten*. Passa a mão pelo cabelo grisalho e curto e pega na caixinha dos comprimidos. Verifica se estão lá todos: o do coração e os outros.

— Obrigado — digo, e em seguida bebo um gole de chá.

Se tivéssemos tido uma filha, teria gostado que fosse como a Ingrid. Ela andou na turma paralela à do Hans e o avô dela trabalhou na serração de Ranviken com o meu pai.

Traz apenas uma camisola polar azul com o logótipo da empresa de assistência domiciliária ao peito. Pergunto-me se não terá frio, porque nem sequer trazia casaco quando entrou. Hoje em dia, estas coisas surpreendem-me. Admira-me as

peessoas não sentirem frio. Costumava andar sem meias metade do ano e vestia calções logo nos primeiros dias de maio, mas agora tenho sempre frio e acendo a lareira, mesmo quando começa a fazer calor lá fora. Dizem que é assim na minha idade — os médicos e os cuidadores, quero eu dizer. Consta que é normal.

Tu também és friorenta, Fredrika. Vestem-te uma das tuas velhas camisolas de malha sempre que te vamos visitar.

A Ingrid franze o sobrolho. Parece murmurar algo sobre a medicação em doses únicas. Chegará o dia em que também ela há de tremer de frio como uma ovelha esquelética.

Verifica mais uma vez a caixa dos comprimidos e depois saca do telemóvel para ver se alguém lhe ligou. Ocorre-me que nem sei se tem família. Ou será que pura e simplesmente me esqueci? Sinto que as pessoas que me rodeiam reagem sempre como se me tivesse esquecido, a cada pergunta que lhes faço. O Hans irrita-se.

— Acabaste de me perguntar isso — diz ele.

Ao contrário dele, a Ingrid nunca me faz sentir ridículo.

Deitado no banco, sobre uma das tuas velhas colchas de retalhos, mudo de posição e observo a Ingrid. Aposto que tem filhos maravilhosos, amáveis e bem-educados.

Estico o braço para chegar à tigela de sopa de rosa mosqueta que ela deixou na mesa da cozinha. A boca enche-se-me de líquido fresco e espesso. A sopa de rosa mosqueta é das poucas coisas de que ainda gosto. Os sabores de muitos alimentos mudaram. Já não como bolos com *chantilly* porque me sabem a bolor. Mas de vez em quando o Hans ainda me traz um pastel com *chantilly*.

— Estás muito magro — diz. Como se fosse culpa minha os músculos terem enfraquecido. Como se tivesse decidido ter um corpo velho e inútil.

Pouso de novo a tigela na mesa e com o lábio inferior tento limpar os restos que me ficaram presos no bigode.

A Ingrid atira mais dois ou três cavacos para a lareira. Está habituada a lidar com madeira, ela e o irmão têm um cortador de toros, uma daquelas máquinas que serram e racham troncos ao mesmo tempo. Pesa doze toneladas. Nunca conheci os pais dela pessoalmente, mas sabia quem eram. Ambos morreram jovens e ela teve de tomar conta da quinta.

Alguns dos cuidadores não sabem acender a lareira. Põem as cascas de bétula no fundo, em vez de as sobreporem para as acenderem por cima. De início, expliquei-lhes o que fazer, mas com o passar do tempo acabei por me faltar. Não percebem nada, sobretudo os mais novos. Tenho muito a apontar ao meu pai, mas ao menos ensinou-me a fazer lume como deve ser. Os jovens de agora não pensam para lá do dia seguinte, dão-lhes tudo já feito e não sabem o que nós aprendemos em pequenos. O que fariam se acontecesse algo sério? Se houvesse um apagão geral ou a câmara deixasse de fornecer água? Cairiam todos como um castelo de cartas.

Reposo o olhar no fogo. Acho que me safava bastante bem durante algum tempo com a água do ribeiro de Renäs, o fogão a lenha e a comida que tenho na cave. As chamas começam por lamber as cascas e depois transformam-se, de repente, em labaredas violentas. O seu amarelo ondulante faz-me lembrar o Hans em pequeno, de como ficava hipnotizado a olhar para o fogo. Quando ainda me admirava e prestava atenção a tudo o que eu dizia.

— O Hans quer que eu deixe de acender a lareira. Não só quer levar o *Sixten*, como também a lenha — resmungo, ainda que sinta um aperto no peito ao dizê-lo. — Acha que devo usar o aquecedor, que tenho dinheiro para isso.

— Eu sei — responde a Ingrid enquanto lava a louça —, mas só diz isso porque se preocupa consigo. Tem medo de que

o Bo se esqueça de fechar a entrada da chaminé, ou que caia ao ir buscar lenha, ou quando leva o *Sixten* à rua.

Ou talvez só o diga porque é egoísta e um idiota, tenho eu ânsias de responder, mas mordo o lábio.

— Não ligue a isso da lenha. Passamos cá tantas vezes que depressa daríamos por qualquer descuido seu.

Cofio a barba e murmuro que ao Hans isso não importa nada, mas a Ingrid parece não me ouvir.

— Logo à noite vem cá a Eva-Lena — avisa, algum tempo depois.

Irrito-me de imediato e aceno com a cabeça sem abrir os olhos, mas sei que o sono me acalmará em breve.

A Eva-Lena começou a vir cá quando a Ingrid escorregou no gelo e partiu o pé. Esteve várias semanas de baixa, e eu tive de aturar aquela bruxa, que ainda por cima é de Frösön.

Tenho apoio domiciliário quatro vezes por dia. Quando o Hans me propôs assistência ao domicílio, cerca de seis meses depois de te terem levado, pareceu-me uma ideia absurda. Ri-me na cara dele, mas depois arrependi-me. Tinha boas intenções.

Naquela altura ainda controlava a minha vida.

Tenho sorte de ter o Ture. Ele começou a receber ajuda muito antes de mim. Caiu e teve de ir ao centro de saúde, onde um médico jovem requisitou logo assistência domiciliária. Um miúdo, que disse que ficou preocupado por o Ture viver sozinho e não ter quem o ajudasse nas lides domésticas.

Apesar de ter vivido sempre sozinho, o Ture habituou-se rapidamente a ter gente a entrar-lhe e a sair-lhe de casa a toda a hora.

Mas não gosta que o lavem. Ao contrário do Ture, não me incomoda muito que me vejam nu. Ele sente-se desconfortável. Diz que sente pena de quem tem de lhe ver o corpo decrépito.

O que mais me incomoda é a falta de equilíbrio. Se tivesse melhor equilíbrio, não me custaria nada levar o *Sixten* a dar passeios maiores. E não haveria tanto alarido por causa dele. E assim já não teria de me irritar tanto com o Hans.

Tirando a Ingrid, a cuidadora de quem mais gosto é a Johanna. É de Bölviken e da idade da Ellinor. É alta e barulhenta, tal como a mãe. Diz tudo o que lhe passa pela cabeça e faz-me rir, mesmo que hoje em dia não me reste muito de que me rir. À casa do Ture mandam um substituto novo a cada dois dias. Se me fizessem isso, podes crer que ligava logo ao responsável do município. Temos o direito de conhecer quem nos entra e sai de casa.

— Vou pôr mais uns cavacos na lareira antes de ir, para que possa dormir à vontade — diz a Ingrid, levantando-se da cadeira. Nem reparei quando se sentou.

Recolhe o pratinho e os talheres com que me cortou a sanduíche em pedacinhos. Só me restam dois dentes na arcada inferior, e, se não ma corta, demoro horas a comê-la. O Hans insiste para que ponha uma ponte, mas acho desnecessário. Seria desperdiçar dinheiro para o pouco tempo de vida que me resta. De resto, o queijo-creme não é assim tão mau. Não é tão saboroso como o queijo a sério, mas não se pode ter tudo na vida.

O *Sixten* deita-se junto à minha perna e sinto um aperto no peito. Dá-me uma vontade enorme de falar contigo, mesmo sabendo que nunca fomos muito de conversar. Dirias que, é claro que sim, posso ir buscar lenha e levar o *Sixten* a passear, e que basta ir até à orla do bosque para ele fazer chichi.

Já lá vão três anos desde que te mudaste. Desde que o nosso filho te veio buscar e me olhaste sem perceberes o que se passava. Ele disse que tinha chegado o momento de ires, e que estarias melhor para onde te levava.

Reparei que não acreditaste nele. Que preferias ficar aqui comigo e com as coisas que conhecias. Olhei para ti por um instante. E queria que ficasses, a sério que queria, mas peguei-te na mão, apertei-ta com suavidade e disse:

— O Hans tem razão. Agora vais ficar muito melhor.

Embora todo eu me revoltasse com tal ideia, sabia perfeitamente que já não conseguia tomar conta de ti.

Lanço um olhar ao frasco na mesa e depois olho para a Ingrid. Não o consigo abrir sozinho, os dedos estão demasiado fracos e rígidos para agarrar a tampa. Continuam enormes, mas não têm força, e já nem os consigo dobrar.

— É normal ter dedos de salsicha na sua idade e com o seu historial clínico — explicou-me o médico na última consulta.

A Ingrid arranjou-me um frasco mais fácil de abrir e igualmente hermético, para que o aroma não se dissipasse, mas também não o consigo abrir.

— Precisa de ajuda com o frasco? — pergunta, de costas para mim.

Baixo o olhar. Ainda me envergonho, apesar de já me ter ajudado muitas vezes. Guardar o xaile da minha mulher senil num frasco para recordar o seu cheiro já é, em si, suficientemente patético. Por isso, só a Ingrid sabe disto. Até contigo teria vergonha. Nunca fomos de trocar palavras doces. Não era preciso.

A Ingrid desenrosca a tampa e dá-me o frasco. Depois vira-se e continua a limpar a bancada.

Levo o xaile ao nariz e inspiro. Fecho os olhos e não os abro logo, para que a ardência que absorvo pelas fibras do tecido fique presa sob as pálpebras. Ninguém me disse que na minha idade é normal os olhos humedecerem-se. Nem que as lágrimas parecem agarrar-se a quase todas as memórias.

Compraste o xaile numa feira de primavera no centro da cidade, quando o Hans ainda era pequeno e não sabia andar

sozinho. Ia sentado no carrinho que os vizinhos do outro lado da estrada nos deram. Lembro-me de que tinha umas rodas grandes que te pareceram boas para os caminhos de gravilha. O xaile era originalmente vermelho-escuro, mas ao longo dos anos foste-lhe cosendo remendos de várias cores. Se fazia frio, enrolava-lo ao pescoço, dando-lhe várias voltas, e, quando estava mais quente, atava-lo sobre os ombros.

— Não o vais levar contigo? — perguntei-te quando estavas prestes a sair de casa pela última vez. Quando o Hans te ajudava a fazer a mala para leares para o lar de Brunkulla.

Viraste-te para trás, e por um instante pensei que estavas ali comigo, que me agradecerias e me sorririas, como fazias sempre que te recordava algo. Mas olhaste apenas para mim com estupefação. Como se tivesse na mão um objeto desconhecido.

Não me atrevo a deixar o xaile fora do frasco durante muito tempo, porque quero conservar o teu cheiro. Agora tens um cheiro muito diferente, mudaram-te o sabonete e os cremes. A demência não alterou apenas o teu cérebro.

Enrolo o xaile e volto a metê-lo dentro do frasco; consigo fechar a tampa, porque é mais fácil fechá-la do que abri-la. Ponho-o na mesa, para que a Ingrid o feche melhor depois, e pouso a cabeça na almofada.

O som da Ingrid a lavar a louça é como uma canção de embalar. Contemplo abstraidamente as chamas e mal a ouço dizer-me adeus e fechar a porta.

Apesar de as noites já começarem a clarear, a cozinha permanece escura. Afinal, só tem duas janelas pequenas, e o teto castanho absorve a pouca luz que entra.

A lenha estala na lareira e o *Sixten* respira profundamente. Faço-lhe festas atrás da orelha e no pescoço. Naquela zona do pelo que é tão macia e fofa como toda a sua cabeça quando era um cachorrinho. Mostraste-te um pouco relutante quando os

Fredrikssons, de Fåker, nos perguntaram se queríamos um cachorrinho. O *Sixten* é já o sétimo cão que nos deram. Devem ter criado centenas de cães para os ajudarem na caça aos alces. Tu achavas que já estávamos demasiado velhos para termos outro. O Hans concordava contigo. Para mim, estavam a ser ridículos, e chamei-vos pessimistas.

Durante um jantar, zanguei-me e perguntei-vos, irritado, qual era, então, a ideia: se eu já era demasiado velho para ter um cão, devia ficar simplesmente sentado à espera da morte? Uns dias depois, o Hans levou-nos a Fåker. Mudaste de ideias mal peguei no *Sixten* e to pus no colo. Depois foste a casa dos Larssons buscar um pedaço de fígado seco, para começares a treiná-lo. Foi quase um ano antes de surgirem os primeiros sintomas.

O *Sixten* solta um leve ronco quando lhe agarro suavemente a orelha. Este gesto relembra-me quão rígidos estão os meus dedos. Quando comecei a tomar o comprimido para o coração, tive de parar o do reumatismo. Mas, enfim, também não me doem muito as articulações.

— Não é muito difícil escolher entre o coração e as articulações, se tiver mesmo de ser, pois não? — comentou o médico tarefeiro com um sorrisinho.

Morrer de enfarte talvez não fosse assim tão mau, pensei, antes de o médico me interromper o pensamento.

— Se não tem mais perguntas, por hoje ficamos por aqui — disse ele, e virou-se para o monitor.

A força com que martelava no teclado indicava que tinha pressa, que tinha de ir fazer alguma coisa a outro lugar qualquer. O cabelo grisalho e fino assentava-lhe na cabeça arredondada como uma touca de banho. Já devia ter quase idade para se reformar. Ouvi dizer que os médicos tarefeiros ganham num mês o que eu ganhava num ano na serração. Quando lhe

perguntei pelo meu médico de família, informou-me de que a mãe dele era de Jämtland. Como se isso me importasse alguma coisa.

Tive vontade de me levantar, de bater com a bengala na mesa e de lhe perguntar como podia ser normal ter umas mãos que já nem abriam uma lata de arenque. Como podia ser aceitável ter de escolher entre isso e cair morto. Mas as palavras esfumaram-se e já não as consegui encontrar.

Esperava que o Hans se levantasse e lhe dissesse que aquilo era inaceitável. Que me defendesse e resolvesse tudo. Como eu resolvi quando o miúdo do vizinho lhe atirou pinhas na paragem do autocarro. Agarrei o rapaz pelo casaco e empurrei-o para a valeta. Mas o Hans limitou-se a levantar-se. Passou-me o casaco e voltámos para casa.

O *Sixten* ronca e volto a agarrar-lhe a orelha. Ainda consigo segurar bem as coisas entre o polegar e os outros dedos. A Ingrid diz que ainda dou beliscões mais fortes do que a maioria dos octogenários. Mas os teus são ainda mais fortes, Fredrika. O pessoal de Brunkulla já mo disse. Talvez me devesse envergonhar, mas fico satisfeito quando me contam que os agarras pela roupa com tanta força que os nós dos teus dedos se empalidecem.

13h10

O Bo quis gratinado de peixe para o almoço e café com muito açúcar. Soprou para dentro do frasco para soltar o muco e falou sobre o Sixten. Quer que eu escreva que está indignado por haver quem ache que o Sixten devia mudar de casa. A lareira está OK.

Ingrid

Sábado, 20 de maio

12h30

Hora da refeição: estufado de tripas e bofes com beterraba a acompanhar. O Bo queixou-se de desconforto nos olhos, diz que a visão lhe fica turva. Contactar a enfermeira na segunda-feira.

Kalle

Acordo com um calor a espalhar-se-me pelas virilhas. Sonhei que ia à casa de banho. Como acontecia ao Hans quando era pequeno. Não saiu muito, mas foi o suficiente para me deixar desconfortável.

Olho de relance para o relógio na parede. Dentro de pouco tempo, um dos cuidadores virá para preparar o almoço. Mas ainda tenho tempo de ir à casa de banho e mudar de cuecas e calças. Dizem que devia usar sempre fralda, mas eu tiro-a assim que se vão embora. Pensam que é por esquecimento, mas prefiro mijar-me e trocar de roupa do que andar com aquilo.

Respiro fundo e ganho balanço para me sentar no banco. Há uma chávena de chá frio em cima da mesa. É uma daquelas chávenas que comprámos na viagem à Costa Alta. Achaste-as giras e, apesar de teres dito que não era preciso, comprei-as para ti, porque me tinham dado um aumento de ordenado e sentia-me rico.

Foi naquele verão em que o Hans deu uma festa lá em casa enquanto estávamos fora. Foi burro, e a barulheira ouvia-se na casa da Marita e do Nejla. É claro que nos contaram. Gritei-lhe que me fartei, mas ele mal pediu desculpa.

Tinha começado o secundário e andava com aqueles rapazes da cidade que lhe enchiam a cabeça de ideias parvas, sobretudo aquele de Frösön. Começou a responder torto e a fazer milhentas perguntas sobre política, e a ter imensas opiniões sobre o que fazíamos e as decisões que tomávamos. Questionava até as coisas mais simples e óbvias.

— Os jovens são mesmo assim — disseste tu uma vez, quando ele se trancou no quarto, fechando a porta com estrondo.

— E tem de ser assim tão insuportável só porque é jovem?
— resmunguei, e limpei a boca com uma folha de papel de cozinha que tinhas pousado ao lado do prato.

Nessa mesma primavera, já tínhamos discutido por causa de uma viagem de intercâmbio linguístico, como ele lhe chamou. Queria ir a Inglaterra no verão para aprender inglês, e queria que eu lhe pagasse a viagem. Como o rapaz de Frösön ia, o Hans também queria ir. Disse-lhe a verdade, ou seja, que não nos podíamos dar a esse luxo.

— O pai do Robert pode — disse ele com desdém, e olhou para mim com ar de puto mimado.

Fiquei tão furioso que até parecia que já nem o via bem. Não tinha criado um filho mimado, porra. Quem era ele para julgar que lhe ia pagar uma viagem de lazer a Inglaterra? Por isso, expliquei-lhe bem a situação e disse-lhe que não queria desperdiçar dinheiro nessas mariquices de betinhos.

Tu estavas a levantar a mesa. Empilhaste os pratos em silêncio e levaste-os para o lava-louça.

— Podias tentar ser menos rezingão — sugeriste passado um bocado, enquanto me servias uma fatia do bolo da véspera.
— Assim talvez ele fosse menos insuportável.

Olhei fixamente para ti. Achava que devias estar do meu lado. Agora penso que talvez tivesses razão, mas ele deixava-me fora de mim. Dizia exatamente as coisas que sabia que me iam irritar. Fazia tudo para me pôr de mau humor.

Com um gemido, desaperto as calças de ganga e deixo-as cair no chão da casa de banho. Observo o magricela ao espelho. Os olhos ardem-me e custa-me ver os pormenores do meu corpo, por isso a figura à minha frente parece uma pintura a óleo feita com pinceladas longas e pouco detalhadas, embora a barba e o cabelo comprido se destaquem do borrão geral.

A imagem no espelho faz-me pensar no meu pai. O meu rosto lembra-me o dele, conquanto se tenha barbeado até ao último dia e aproveitasse qualquer ocasião para criticar a maneira como eu tratava da barba.

— Caramba, pareces um vagabundo — rosnou numa tarde de verão, mal nos sentámos à mesa. Eu estava de férias e tínhamos acabado de voltar de Hissmofors para ajudar uns dias na quinta. A minha mãe tinha feito arenque grelhado com batatas novas e endro da horta.

Algumas semanas antes, durante a pausa para almoço, o Åkesson anunciara de repente que ia deixar crescer a barba durante as férias.

— Uma grade de cervejas para quem a tiver maior quando voltarmos — dissera ele, e depois abraçara-me a mim e ao PG; e também nos dera umas palmadinhas nas costas.

— Alinho — anuíra o PG com um sorriso de orelha a orelha. — Já viram a barba do meu velho?

Eu cuspira para o lado e dissera que sim, que já tinha visto a barba de Pai Natal do pai dele.

— Também alinhó — respondera-lhes, pensando logo que tu te irias queixar de que arranhava.

Puxei uma cadeira de jardim e sentei-me. Pus-me a olhar para o meu pai sem dizer nada. Depois, o meu olhar cruzou-se com o teu, do outro lado da mesa, como se estivesses à espera disso. Mantiveste o olhar fixo no meu por uns segundos, até que deixei de pensar no meu pai e me acalmei um pouco.

Enquanto a minha mãe lhe servia as batatas, explicaste a aposta que eu tinha feito com os meus colegas. Ele resmungou qualquer coisa ininteligível em resposta e bebeu um gole de cerveja, e tu interpelaste a minha mãe para lhe elogiares a comida.

Fez só um comentário parvo sobre a minha barba, mas as palavras dele ficaram-me cravadas na alma. Como sempre. Ficámos os dois em silêncio à mesa, ele e eu, e comemos o jantar que a minha mãe preparou sem tirarmos os olhos dos pratos. Ouvi-te a perguntar à minha mãe pelo quintal e pelos animais. A tua facilidade em entabular conversa fascinava-me, porque parecia que nem precisavas de pensar no que dizias. Eu ia bebendo cerveja, enquanto olhava de esguelha para o meu pai. O seu corpo enorme parecia-me escorregadio, como se não conseguisse fixar nele o olhar. E, por mais que tentasse, não era capaz de o encarar. Sentia-me mal por não ter coragem para lhe responder.

O cheiro a urina entra-me pelo nariz quando deixo cair as cuecas. Os cuidadores começaram a deixar-me roupa interior e um par de calças limpas no pequeno estendal no canto da casa de banho. Estou-lhes grato por não ter de ir buscar cuecas limpas ao quarto. Não durmo lá desde que te foste embora.

Estico-me, pego num par de cuecas azuis e sento-me na tampa da sanita. Inclino-me lentamente e meto o pé esquerdo pela abertura das cuecas. O pé está coberto de manchas arroxeadas e os dedos estão tortos. O pé direito está ainda mais rígido, mas consigo enfiá-lo à terceira tentativa. Depois agarro num par de calças de fato de treino e repito o processo. Estas calças são mais fáceis de vestir, mais maleáveis do que as de ganga. Acho que o Hans me comprou uns dez pares na Intersport.

Mal acabo de lavar as mãos e fecho a torneira, ouço a porta a abrir-se do outro lado da casa. Encontro o Kalle na cozinha. Já tirou do congelador uma embalagem de comida pré-preparada. Vira-se ao ouvir-me chegar. A roupa está-lhe apertada e vê-se-lhe a barriga quando se mexe. Atrás dele vejo o bilhete que o Hans deixou em cima da bancada: *Não te esqueças de comer!* Hei de comer, sim, se tiver fome.

— Como se sente? — pergunta o Kalle, enquanto fura o plástico da embalagem de comida. O Hans enche o congelador todas semanas, apesar de já ter aqui mais comida do que a que conseguiria comer num ano.

— Vai-se andando, obrigado — respondo, e pergunto-me se faz a mesma pergunta a todos os velhotes de quem cuida. Soa a frase feita, quase como um mantra.

— Pensei em preparar-lhe qualquer coisa para o almoço. Tem fome?

Encolho os ombros e vou sentar-me ao lado do *Sixten* no banco. Faço-lhe festas na cabeça.

Depois lembro-me de que hoje vai acontecer algo especial. Levanto-me e vou espreitar o calendário que o Hans pendurou na parede. Um *post-it* amarelo onde está escrito «data de hoje» encontra-se colado num dos quadradinhos da grelha. A minha intuição estava certa: o Hans vem visitar-me logo à tarde. E amanhã tenho de telefonar ao Ture.

Os olhos ardem-me e a minha visão está ainda mais turva do que é costume, mal consigo distinguir o Kalle do banco. Pestanejo várias vezes, mas não ajuda. Gostava de lhe falar sobre o *Sixten*. Se lhe explicar como seria ridículo tirarem-mo, pode ser que fique do meu lado.

O calor espalha-se outra vez pelas calças. Solto um suspiro.

— O que se passa? — pergunta o Kalle, enquanto coloca a comida no micro-ondas.

Volto a suspirar, incapaz de dizer o que quer que seja. Dizer *mijei-me* é embaraçoso, embora aconteça cada vez com mais frequência.

— Aconteceu alguma coisa? — insiste ele, virando-se para mim.

Desta vez perdi muita urina, e vê-se perfeitamente a mancha nas calças.

— Ai, não faz mal, isso resolve-se num instante — diz ele, fechando o micro-ondas sem o ligar. — Venha, vamos pôr-lhe uma fralda e trocar de calças.

Os nossos olhares cruzam-se e sinto que não quero continuar com esta rotina. Quero levantar-me e ir-me embora daqui. Mas continuo sentado e anuo com a cabeça.

17h30

O Bo estava a dormir quando cheguei. Fiz puré de batata e almôndegas, e servi-lhe uma cerveja. Sentei-me a conversar com ele por um bocado. O Bo acha que hoje está muito frio e que o Sol só aquece lá fora. O verão ainda não chegou. Lembrei-o de que o Hans vem mais logo, o Bo já se tinha esquecido.

Johanna

Sobes para a bicicleta com agilidade, apesar de estares tão pesada. Levas sumo e bolos no cesto. Pediste o vestido emprestado à tua irmã mais nova, e parece um lençol dobrado. Estou sempre a olhar-te para a barriga; é tão grande que me atrai constantemente a atenção. Descemos a estrada de gravilha e dizes-me que a tua irmã separou também algumas roupas para o nosso bebé. Quase todas as pessoas com quem nos cruzamos dizem que pode nascer a qualquer momento. Penso nisso sempre que vou a caminho da serração: quando voltar para casa, talvez já seja pai.

Entramos na quinta da tua irmã mais velha. Como é teu costume, vais ter com os cavalos e acaricias-lhes a pele grossa. Gosto de ver a naturalidade com que lidas com eles. Imagino que os cavalos são para ti o que os cães são para mim.

A mim, os cavalos metem-me medo. Parece-me que sentem logo o meu receio mal entro com a bicicleta na quinta. Comportam-se de maneira diferente comigo. Tu cresceste com eles e sabes como lhes falar, ao passo que alguém como eu não saberia.

Destravo o descanso da bicicleta e observo-te em silêncio por um momento. À noite, quando me vejo tomado por preocupações, basta-me pensar em ti para me acalmar. Vais ter jeito com o miúdo, é algo inato em ti; tens algo que eu não tenho. Já tomaste conta dos teus irmãos mais novos e dos teus sobrinhos.

— Trazes os bolos, por favor? — gritas, enquanto caminhas em direção à casa.

Fazes sempre doces para levares às tuas irmãs e aos teus pais. Ficam uma delícia, são melhores do que os da tua mãe.

Hoje de manhã levantaste-te mais cedo para os teres prontos antes de sairmos.

No preciso momento em que estendo a mão para tirar o saco do cesto da bicicleta, ouço um apito. É um som agudo.

Confuso, olho à minha volta. Está tudo enevoadado e não vejo bem, mas passados uns instantes dou-me conta de que estou sentado no banco da cozinha.

Ouço de novo o mesmo som, é um som estridente e alto. Tateio a mesa e, por fim, encontro o telemóvel. No ecrã diz «HANS», em maiúsculas. Carrego no botão verde.

— Estou? Fala Bo Andersson — digo, e tento engolir a expetoração presa na garganta. Tenho sempre mais expetoração quando acordo.

— Olá, pai. Estavas a dormir?

Endireito-me com esforço e tusso para cuspir na bacia sobre a mesa. O Hans fica em silêncio do outro lado da linha.

— Acho que sim — respondo, com a imagem da tua barriga redonda ainda bem presente na memória.

— Olha, tive uns percalços e não vou conseguir passar por aí esta tarde.

Apesar de ter sempre imenso que fazer na empresa, o Hans vem ver-me várias vezes por semana. Gosta de garantir que está tudo em ordem com os cuidadores, que há comida que chegue no frigorífico e que levaram o lixo. Às vezes até despeja o balde mesmo sem estar cheio. Acho isso um desperdício, porque cada recolha custa setenta e cinco coroas, mas o Hans prefere assim.

— Pensava que hoje conseguia sair mais cedo, mas há colegas de férias e estou com mais trabalho — acrescenta antes sequer de eu dizer alguma coisa.

Parece nervoso. E nunca sei o que dizer quando está assim. Este *stress*, ou esgotamento, ou lá como lhe chamam agora,

é coisa que não percebo. Já lá vão uns anos desde que o Hans se foi abaixo, como disseste na altura. Fechou-se no apartamento, com as cortinas corridas, durante semanas. Tu usavas a chave suplente, entravas, cozinhavas qualquer coisa e limpavas a casa. Às vezes, acompanhava-te e tentava falar com ele, mas mal lhe conseguia arrancar uma palavra. Não sabia o que fazer por ele.

Porque é que não trabalha menos? Se o trabalho o enerva assim tanto... Diz que na empresa há muitas pessoas com esgotamento. Nos quarenta e sete anos que trabalhei na serração, nunca vi ninguém com um esgotamento, e era um trabalho duríssimo, por isso não percebo o que é que estão a fazer de errado hoje em dia. Apetece-me perguntar porque não reorganizam os horários, mas isso só o irritaria, de maneira que fico calado e não digo nada.

— Podes vir noutro dia — respondo, e esfrego a cara com a mão.

— Sim, vai ter de ser. E também temos de falar do *Sixten*.

Não consigo responder-lhe. Pouso a mão no dorso do *Sixten*. Depois, desloco-a, de cima para baixo, enquanto ele dorme, tranquilo.

— Então, fica combinado — diz, por fim, o Hans.

— Sim, combinado.

— Adeus.

— Adeus — respondo, ao mesmo tempo que ouço o estalido que assinala o fim da chamada.

Pouso o telemóvel na mesa da cozinha. Irrita-me profundamente o que ele quer fazer com o *Sixten*, aquilo por que nos quer obrigar a passar, mas ao mesmo tempo sinto-me como se tivesse feito algo de errado. No fundo, gostava de poder dizer alguma coisa que tranquilizasse o Hans. Que lhe mostrasse que pode deixar de se stressar. Talvez assim parasse de insistir em tirar-me o *Sixten*. Mas não sei o que fazer para o acalmar.

— Não és de te deixar ir abaixo — comentou o Ture da última vez que telefonou, quando lhe perguntei se eu teria alguma coisa que ver com o *stress* do Hans. Se seria culpa minha. Na rádio disseram que as pessoas podem ficar marcadas para sempre por acontecimentos da infância. — O cérebro funciona assim, bem sabes, fixa-se em certas coisas, agita-se e não consegue descansar.

Concordei. O Ture sabia do que falava. Também tinha tido trabalhos onde essas coisas acontecem.

— Mas a culpa não é tua, por isso pára de pensar no assunto — disse ele, e sorveu um gole de café.

As suas palavras reconfortaram-me. Foi pela maneira como as disse, com a intenção clara de me assegurar de que era mesmo assim.

— Contigo acontece o contrário — constatou. — Esse tipo de *stress* não afeta pessoas como tu.

Não lhe perguntei mais nada, mudámos de assunto, mas agora gostava de saber o que queria dizer com aquilo. Pessoas como eu: como é que eu sou, então?

É típico do Ture dizer essas coisas, analisar as pessoas, ou lá como se diz. A imaginação dele leva-o para todo o lado. Inventa coisas sem conhecer bem a situação.

Mas isso nunca me incomodou. Pelo contrário: acho que foi precisamente por isso que nos tornámos amigos.

Eu já trabalhava há nove anos na serração de Hissmofors quando o Ture arranjou lá emprego. Ocupou um dos novos cargos de engenheiro. Percebemos imediatamente que não era como os outros que trabalhavam no andar de cima. Logo no primeiro dia, desceu com passos pesados a escada em espiral com degraus pouco firmes para almoçar connosco.

— Olá, chamo-me Ture. Comecei hoje — disse com a mão levantada, e percorreu a sala com o olhar.

Dois tipos sentados mais atrás olharam-no com curiosidade, mas não disseram nada. Ele pareceu não se importar com isso; sentou-se à mesa e continuou a falar.

Nunca tinha conhecido um homem que falasse tanto. Tinham dito que era aqui da zona, mas pelo sotaque parecia do Sul. Estava muito contente e não se calava, estava sempre a falar.

— A meu ver, não pode ser natural nós, humanos, vivermos em climas frios. Quase não temos pelos — comentou o Ture para ninguém em especial.

Abanou a cabeça enquanto dava uma grande dentada na sua sanduíche.

Não consegui conter-me e desatei a rir. O tipo à frente do Ture parecia tão confuso que a situação se tornou cómica.

Então, o Ture inclinou-se em frente e olhou na minha direção.

— E quem é este que está tão contente? — perguntou em voz alta, para se fazer ouvir por cima do barulho da sala.

Eu não conseguia parar de rir. Perguntava-me quem era aquele palhaço. Nem o Åkesson, que estava à minha frente, conseguiu evitar uma gargalhada. O Ture sorriu. Passado um bocado, lá me recompus e levantei a mão.

— Olá, Ture. Chamo-me Bo.

Ele acenou com a cabeça, mas não disse nada. O Åkesson voltou a rir-se e depois espreitou para a minha lancheira, para ver o que eu tinha levado para comer. Eu, por meu lado, inclinei-me para ver o que é que a mulher dele lhe tinha preparado. Queixava-se muitas vezes da comida, mas a mim parecia-me sempre boa. Feijão com toucinho. Quando me voltei para o Ture, ele estava a escutar com atenção algo que um companheiro de mesa lhe dizia.

No fim do turno, ia eu a caminhar, cansado, em direção à bicicleta quando senti uma mão no ombro.

— Chamas-te Bo, não é?

Virei-me e lá estava o Ture a sorrir para mim. Tinha os dentes bem cuidados e um bigode tão fininho que mal se via. Era composto por uma única linha, um pouco como os dos atores de Hollywood.

— Sim — respondi, assentindo lentamente com a cabeça. Não sabia que mais dizer.

— Já não vinha para estas bandas há muito tempo, sabes? Cresci em Hissmofors, mas vivi em Gotemburgo e corri mundo — disse ele enquanto abotoava o casaco. — Por isso, estou à procura de amigos. Queres vir visitar-me à cidade?

Fiquei tão espantado que nem consegui responder nada, limitando-me a olhá-lo com cara de parvo. Nunca ninguém me tinha convidado a ir a sua casa. Exceto tu.

— Bem... — lá consegui balbuciar, passado um bocado.

— E que tal no domingo à tarde?

— Está bem — murmurei.

O Ture desapareceu tão depressa como tinha aparecido.

Ouvi um motor a trabalhar mais adiante. Chegado ao outro lado do parque de estacionamento de gravilha, vi o Ture partir num *Volvo Amazon* novinho em folha. Segui-o com o olhar e vi-o passar a toda a velocidade, deixando atrás de si uma nuvem de fumo. Em que sarilho me tinha eu metido?

No domingo, pus-me a olhar para o meu roupeiro quase vazio. Lembrei-me do casaco que o Ture levava vestido. Devia ter custado mais do que eu algum dia gastaria numa peça de roupa. Por fim, escolhi a camisa que sabia que a minha mãe teria sugerido.

O Ture tinha-me dito para subir até ao último andar. Mal dera duas pancadas na porta, onde dizia «Ture Lindman» numa placa brilhante, quando esta se abriu.

— Bo! Bem-vindo, bem-vindo!

Recebeu-me com um grande sorriso e fez-me sinal para entrar. A primeira coisa que reparei foi que era muito asseado. O cabelo preto até reluzia. Tirei o boné e entrei.

Segui-o enquanto me mostrava o apartamento, que era maior do que as casas dos meus avós. Tinha três lareiras, uma casa de banho com autoclismo e um fogão elétrico. Por sorte, ele falava pelos cotovelos, pois eu não sabia o que dizer.

— Pronto, é isto. Anda, vamos sentar-nos na sala — disse o Ture, indicando o caminho. — Comprei umas tartes de amêndoa da Wedemarks. Senta-te, que eu já venho.

Voltou com um tabuleiro e serviu o café em chávenas de porcelana branca.

— Já viste o monstro?

— O monstro? — perguntei, um bocado atrapalhado. O homem talvez fosse doido varrido.

— Sim, o monstro do Storsjön — disse o Ture, dando uma dentada na tarte. — É um tema que me fascina. Sempre me interessou. Pelo menos, desde que o vi em miúdo, numa noite do solstício de verão, quando fomos andar de barco no lago.

Depois arrastou o prato com as tartes para mais perto da minha chávena de café.

— Não te acanhes. São fantásticas.

— Obrigado, obrigado — respondi, pegando numa tarte. — Nunca pensei muito no monstro.

Dei uma dentada na tarte de amêndoa e fiquei surpreendido com o sabor; era mesmo muito boa.

— Não sei que raio de ideia foi aquela de o tentarem capturar — disse o Ture, que parecia mesmo não perceber o que lhes teria passado pela cabeça. Estava até um pouco irritado. — Porque é que haviam de lhe querer fazer mal? Que eu saiba, nunca fez mal a ninguém.

Continuou a falar das diversas vezes em que achou ter visto o monstro, e dei por mim a pensar que era como quando, em pequeno, a minha mãe me contava histórias de ogres da floresta. Senti-me tão bem ali que por um momento até me esqueci de onde estava.

Nenhum dos outros colegas da serração era como o Ture. Havia qualquer coisa no modo de ser dele que me fazia esquecer que devia manter as aparências. Tal como contigo, nunca senti que precisasse de fingir o que quer que fosse.

O *Sixten* geme. A minha mão entra-lhe pelos sonhos adentro e acaricia-lhe a cabeça cinzenta. Depois acorda e espreguiça-se. Dá um grande bocejo, abre os olhos, e os nossos olhares cruzam-se. Já não sei quando foi a última vez que o levei à rua, mas percebo que quer fazer chichi.

Com o *Sixten* no meu encalço, vou aos tropeções até ao vestíbulo. Ponho-lhe a coleira ao pescoço e endireito a medalhinha, com o seu nome e os nossos contactos, que tu e o Hans encomendaram pela Internet quando ele ainda era um cachorrinho.

— Caso fuja para a floresta — disseste tu, e eu concordei.

Abro a porta para que possa sair, e, como sempre, espera que eu também saia para largar a correr. Não faz chichi nem cocó se não o acompanhar ao bosque.

Ao calçar as botas, tenho a sensação de que hoje vai acontecer alguma coisa especial. Volto à cozinha para ver o calendário. Sim, é isso: o Hans vem cá depois do trabalho. E amanhã é dia de ligar ao Ture.

21h35

*Chocolate quente e uma sandes para o Bo, que já se deitou.
Boa noite.*

Johanna



UM ROMANCE DELICADO E COMOVENTE SOBRE O AMOR, A PERDA E A CORAGEM DE ENVELHECER COM DIGNIDADE

Bo vive uma vida tranquila no norte da Suécia, rodeado pelas suas memórias, telefonemas com o amigo Ture e a companhia fiel do seu cão *Sixten*. Mas a velhice chega com perdas — de autonomia, de espaço, de voz — e o seu filho, com quem sempre teve uma relação difícil, quer agora levar-lhe tudo o que lhe resta: o cão. Na iminência de perder *Sixten*, Bo sente-se obrigado a resistir.

É nesse confronto que emergem os silêncios de uma vida inteira, os amores mal expressos e a urgência de se reconciliar com o que — e quem — realmente importa.

Terno e lúcido, *Quando as Aves Voam para Sul* é um romance comovente sobre envelhecer, lutar por dignidade e encontrar palavras para o que nunca se soube dizer.

«Cativante... comovente...
Os leitores vão rir e chorar.
Em *Bo*, Ridzén criou uma
personagem capaz de despertar
empatia em qualquer pessoa.»

LIBRARY JOURNAL



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

 [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-662-8



9

789895 836628